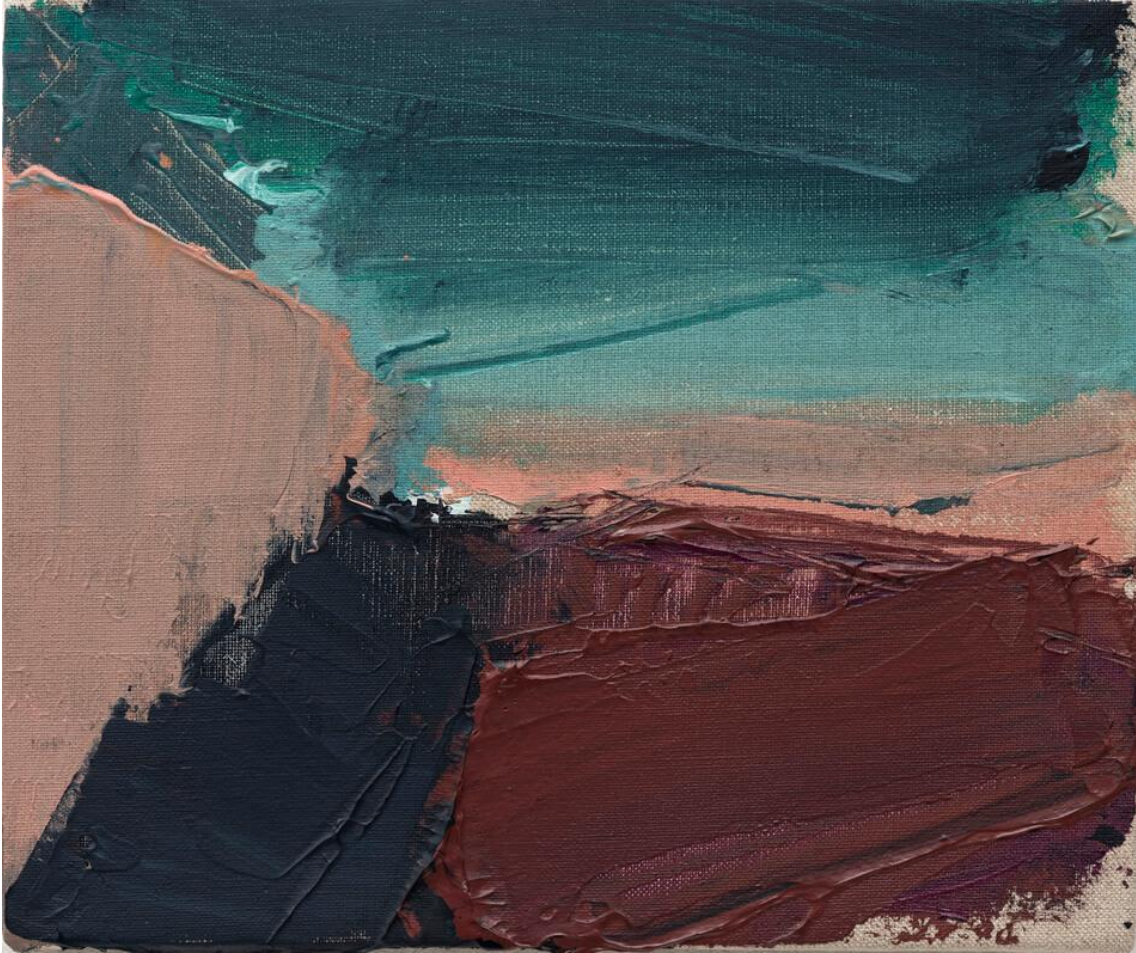


ITSLIQUID

Entrevista: RENATA PELEGRINI



Luca Curci conversa com Renata Pelegrini, uma das vencedoras do

ARTISTA DO MÊS – SETEMBRO 2020

“O presente me interessa como tempo e principalmente como lugar. A arquitetura e o meu entorno sempre informaram meu corpo sobre como se relacionar entre o agora e o consecutivo. Nas minhas pinturas e desenhos essa dinâmica tensa está na presença do gesto e na velocidade da execução; ao mesmo tempo construindo uma estrutura arquitetônica ambígua e um lugar instável: uma solidez frágil”.

Renata Pelegrini (1967) vive e trabalha no centro de São Paulo, Brasil. Ela tem bacharelado em Artes Visuais, bacharelado em Ensino de Línguas e em Educação. Ela também é tradutora e possui Diploma de Neurolinguística. Formada em pintura, Renata trabalhou sua expressão em torno da figuração e da abstração e utilizou essa camada intermediária para se comunicar com as imagens. A caligrafia tem sido um dos impulsionadores de Pelegrini para seu trabalho artístico. O treinamento massivo nessa área intensificou a consciência dos movimentos da mão e do corpo, como pressão, direção e angulação. Este exercício contínuo tem orientado a artista no seu processo e marcado o seu trabalho em diferentes níveis ao longo da sua carreira. À medida que a pintura se tornou mais familiar, Renata transformou a métrica caligráfica em movimentos de pincel livres e intuitivos. Nesse sentido, a percepção do corpo no espaço ao seu redor também se torna perceptível à medida que o entorno passa a integrar o processo criativo da artista. Pinceladas grossas e rápidas provocam estruturas arquitetônicas e não-lugares são construídos. As linhas horizontais e verticais são aplicadas ao mínimo para que a perspectiva ganhe vida. Cenários como estes, no entanto, ultrapassam os limites da representação simples e preparam o pano de fundo onde coexistem a prática do inconsciente, a memória e a observação. As marcas do processo ficam claras mesmo quando a expressão de Pelegrini caminha para a instalação, onde a experiência com o contexto se revela tanto na sua poética quanto na apresentação da obra. Esta decisão imprime na própria obra o objeto, como a mesa utilizada para fazer os desenhos ou mesmo as fricções e moldes de barro da arquitetura da cidade, nomeadamente a textura de uma cerca de ferro. Memória, experiência e tempo são questões que compõem a obra de Renata Pelegrini.

Luca Curci – O que é arte para você?

Renata Pelegrini – A arte é onde mora a liberdade. E como a liberdade é inclusiva, a arte é uma ferramenta poderosa. Exercitar minha expressão na arte me levou ao estado de não saber e muitas vezes desaprender para avançar em minha investigação. Isso significa que para mim a arte é baseada em processos. E desta forma, permite-me trabalhar peças sensíveis à realidade. Os traços do ambiente em que vivo estão presentes nas escolhas que faço no meu processo artístico. Viver numa realidade baseada em desigualdades e regida por conflitos contribuiu para o espírito de tensão e ambiguidade que podemos encontrar na minha expressão. O que tenho tentado é fazer da condição inquietante uma imagem possível onde as diferenças possam encontrar uma forma de se unirem.

LC – Em qual assunto você está trabalhando?

Renata Pelegrini – Não tenho certeza se estou trabalhando em alguma coisa ou se é exatamente isso que está funcionando em mim. Gosto de pensar que estou sendo transformado enquanto me transformo. Tenho procurado algum tipo de expressão que esteja dentro do meu trabalho, mas neste momento só consigo senti-la. Esta expressão ainda é sem forma, sem nome e ainda assim é sensível ao mundo em que vivo e às pessoas com quem me conecto. Como os artistas têm a capacidade de aprender com o entorno através das sensações, aproveitei o tempo da pandemia para aprender e trabalhar essa questão da interligação corpo-trabalho-ambiente, uma coabitação de tempos, na verdade. Desde o final de 2018, após um mês de residência artística no HANGAR Lisboa, longe da minha cidade natal no Brasil, percebi o quão poroso o meu processo artístico pode ser para a geografia que vivencio. Estar longe da metrópole, livre da rede urbana, afastou o meu olhar da arquitetura feita pelo homem, para despertar o meu interesse pelo horizonte natural e pelas forças da gravidade – dentro e fora do corpo. Novos projetos nasceram. Há já alguns meses, quando a vida pública e privada se tornou igualmente porosa, tenho subscrito palestras e seminários online tentando partilhar a densidade do tempo e a multiplicidade de camadas a que a COVID 19 nos colocou. Entre muitas, a oportunidade de participar do programa Ocean/Uni em Veneza foi definitiva para que eu pudesse aprender com a visão da arte/ciência. Essa imersão me fez conectar ao presente do cuidado e da ação tanto no meu processo artístico quanto na sobrevivência neste planeta. O resultado é que na minha atual série de pinturas, marcas de bandagens apareceram e, por enquanto, parece certo continuar trabalhando nelas.

LC – O seu estilo mudou ao longo dos anos? Em que direção?

Renata Pelegrini – O que pinto ou desenho tem que estar ligado àquilo em que acredito. Às vezes o pensamento está à frente dos meios que tenho em mãos. Outras vezes, a expressão na arte chega até mim antes que eu possa entendê-la ou reconhecê-la como minha própria produção. Em ambos os casos, tenho que agir ainda mais, pressionando ou sendo pressionado por mudanças. Ter trabalhado com educação e vivido em diferentes países ampliou meus interesses e respeito pelas diferenças. Esta é uma mudança positiva que entendo como uma mais-valia na minha expressão. Acho que é fundamental quando me expesso em imagens que têm mais de uma possibilidade de serem lidas. Esta é uma forma de acolher diferentes observadores e suas visões de mundo para construir significados.

LC – Que temas artísticos você segue? Qual é a sua matéria preferida, se houver alguma?

Renata Pelegrini – Interessa-me apresentar uma expressão que faça parte do meu processo ao mesmo tempo que acolhe diferentes possibilidades e narrativas que ligam o observador à peça. Por esse motivo, normalmente não tenho um título determinado para cada obra. Muito recentemente o nome da série apareceu como sinal de familiaridade compartilhada entre as peças. Além deste exemplo, outro que aprecio é quando consigo montar uma ideia pictórica composta por uma variedade de micro-construções agindo juntas como um todo. Ou uma combinação inesperada de cores que trazem harmonia, para citar outro exemplo. São sinais de que se conseguirmos imaginar e colocar as diferenças lado a lado na tela, esse fato também poderia acontecer entre os humanos.

LC – Qual é o papel que o artista desempenha na sociedade? E a arte contemporânea?

Renata Pelegrini – Os artistas e a arte não estão interessados na exclusão. Pelo contrário, a arte tem o poder de encurtar lacunas e lançar luz sobre temas invisíveis. Neste caso, pode funcionar como um meio de evitar o desaparecimento de alguns problemas. Mais importante ainda, a arte pode trazer novas narrativas para dívidas e factos históricos. E também pode promover ações para um futuro mais inclusivo e igualitário. Espero que cada ator do mundo da arte possa operar sua pequena peça para um mundo melhor.

LC – Onde você encontra sua inspiração?

Renata Pelegrini – Neste momento, o que me atrai é estar ligado a um grupo de pessoas para discutir e questionar as práticas atuais, a fim de responder às necessidades urgentes da nossa convivência com recursos limitados. Estar atento ao presente é o que mais me emociona na vida e no meu processo de trabalho. Presença é uma palavra-chave para mim.

<https://www.itsliquid.com/interview-renatapelegrini.html>













